

APRENDIZAGEM INVENTIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rubens Antonio Gurgel Vieira^{1,2}

rubensgurgel@gmail.com

Pedro Xavier Russo Bonetto^{3,4}

pedro.bonetto@usp.br

¹**Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (FEFISO)**

²**Universidade de Campinas (UNICAMP)**

³**Secretaria Municipal de São Paulo (SME-SP)**

⁴**Universidade de São Paulo (USP)**

RESUMO

O trabalho em questão apresenta a aprendizagem inventiva como uma possibilidade na Educação Física Escolar. Para tanto, problematiza as matrizes epistemológicas das teorias clássicas da aprendizagem advindas da psicologia do desenvolvimento. A partir dos escritos de Deleuze, Gallo e Scherer, apontamos as limitações das concepções tradicionais entendidas aqui como atos de reconhecimento. Assim, acenamos para uma noção de aprendizagem enquanto criação do pensamento diante de problemas singulares. Por fim, indicamos possibilidades de uma política cognitiva para o campo da Educação Física Escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Física Escolar; Aprendizagem Inventiva; Filosofia da Diferença

APRENDIZAGEM MODERNA: CONTROLE E RECOGNIÇÃO

A questão da aprendizagem é fundamental para o campo da educação, compreendida tradicionalmente como o objetivo final de todo processo de ensino. O ato de aprender é, portanto, um fenômeno de extremo interesse de qualquer professor, que almeja ver seus esforços frutificarem. Entretanto, há uma tradição filosófica que tem, ao nosso ver, despotencializado processos educativos em nome de uma necessidade de controle da aprendizagem.



Para Gallo (2013) a base filosófica que atravessa todo o campo educacional possui uma matriz platônica, ou seja, um pensamento que se instaura como verdade e divide o conhecimento em sensível e ideal. Aprofundemos: em sua alegoria da caverna, Platão evidencia uma hierarquia das ideias em cima da sensibilidade, as capacidades do corpo, onde somente a razão via filosofia é capaz de elevar o ser humano para o mundo ideal, o mundo perfeito. Com isso, Platão impõe uma moral sobre o conhecimento que relega a multiplicidade à níveis inferiores. A questão a ser perseguida é a elevação pelas ideias, convenientemente as platônicas, num ato de reconhecer aquelas já presentes em nossa alma, essa sim, vinda diretamente do mundo das ideias. Aprender é, portanto, um ato de reconhecimento.

De algum modo, boa parte dos pensadores subsequentes na história da filosofia ocidental não escapam de tal matriz e, em um movimento típico da modernidade, criam suas filosofias em bases representacionais, ou seja, do pensamento enquanto instrumento de abordagem do real – este compreendido como exato em relação as abstrações racionais. A filosofia moderna deve, portanto, muito a Platão e, conseqüentemente, as ciências que se desenvolvem a partir da racionalidade moderna (SCHERER, 2005).

Entre as ciências modernas que se encaixam no descrito acima estão tanto a educação quando a psicologia (aqui nos interessa mais especificamente a psicologia da aprendizagem). Ambas geram teorizações que visam o mesmo ímpeto de dominação e controle científico, e desta forma a ideia de que a aprendizagem pode ser explicada de maneira universal e, mais importante, ser controlada, se torna uma das facetas mais evidentes da educação escolar dos últimos séculos.

Entretanto, é visível o desconforto no momento de aplicação de tais teorizações. Quando transpostas de um campo a outro, teorias como comportamentalismo, construtivismo, interacionismo simbólico, aprendizagem significativa e inúmeras outras, produzem mais dúvidas do que certezas. Cada pesquisador aplica sua própria forma de compreender tais concepções, produzindo assim interpretações diversas e infinitas. Isto nos leva a pensar como é possível sustentar uma vontade de verdade científica diante de tamanha riqueza de pensamentos?

Em um movimento contrário, apostamos que a multiplicidade de compreensões, longe de constituírem uma fraqueza teórica, compõe justamente um contexto fértil de novas criações. Teorizar filosoficamente é, assim, um movimento de vislumbre de novas possibilidades. Compreendemos que este movimento do pensamento não é livre das fortes contestações modernas, passando então a ser alvo de críticas que apontam o perspectivismo como um relativismo perigoso.

É possível que o primeiro grande pensador a ganhar destaque por defender que a interpretação da realidade depende do ponto de vista e de relações imersas em disputas por poder seja o filósofo Alemão Friedrich Nietzsche. Para ele, a vida é potencializada em atos de coragem que transvaloram as verdades construídas pela moral, aquele conhecimento entendido como verdade que impõe a todos modos de existência (NIETZSCHE, 2008)

Apoiando-se na perspectiva nietzschiana, poderíamos afirmar que a ciência educativa na junção da didática com a psicologia da aprendizagem comporia uma moral que impõe modos de compreensão do que é o ato de aprender e modos de se atingir. Como diz Gallo (2013), a matriz platônica leva a compreensão de que a aprendizagem está colada ao ensino, o que pressupõe controle – o mesmo controle objetivado pelas metodologias científicas.

O processo educativo guiado pela busca de obtenção de resultados uniformes, pautados em uma teorização que se coloca como uma verdade universal, transforma neste sentido um campo potente de multiplicidades em um espaço despotencializado de normalização. Esta realidade é muito conhecida na Educação Física Escolar, que tem usado sistematicamente as teorias da aprendizagem modernas durante toda a sua história.

Seja a partir de autores como Skinner, Piaget, Vygotsky, Ausubel, Eriksson, mais clássicos no campo da psicologia, seja a partir de autores que bebem nessa fonte e trazem para o campo algumas modificações, como Gallahue (2005), Le Boulche (1983) ou Go Tani (1988), a aprendizagem na área não tem escapado deste contexto: controle e reconhecimento.

Entretanto, temos inúmeras novas produções que buscam confrontar esta tradição. Assim, usaremos destas para pensar novas concepções de aprendizagem em Educação Física Escolar.



APRENDIZAGEM INVENTIVA: MULTIPLICIDADE E CRIAÇÃO

Este trabalho não se servirá do conceito clássico de aprendizagem proveniente da psicologia cognitiva moderna, mas, por ora, digamos que a aprendizagem ainda não havia sido problematizada no âmbito da discussão dos currículos críticos da Educação Física. Ou seja, o(s) currículo(s) da Educação Física Escolar que escolheram como base as ciências humanas, dentre eles o chamado currículo cultural (NEIRA; NUNES, 2009), pouco ou nada trataram de como ocorre o aprendizado nos alunos, se concentrando em questões curriculares mais amplas, como os princípios metodológicos, os vetores de força na constituição sociocultural, os saberes que habitam o cotidiano escolar, as possibilidades avaliativas processuais, entre outros.

De fato, seria inadequado uma concepção pós-crítica de Educação Física Escolar como o currículo cultural fundamentar sua prática em saberes que emergiram justamente para o governo liberal, como são aqueles advindos das psicologias cognitivas (NOGUERA-RAMIREZ, 2011), entretanto é inegável a existência de uma lacuna importante na construção dessa visão educacional. Não seria possível recorrer à Jean Piaget, Lev Vygotsky ou Henri Wallon sem cair na representação, em estruturas, domínios da razão, disciplinarização de sujeitos pensados *a priori*, tampouco podemos nos furtar de pensar quais os efeitos de um currículo em ação.

Além desta lacuna, podemos seguramente apontar que nenhuma das propostas curriculares (sejam elas tradicionais, críticas ou pós-críticas) objetivaram como efeito a intensificação dos desejos, desatrelada de um futuro estriado.

Para dar conta da árdua tarefa, o conceito de aprendizagem inventiva de Virginia Kastrup se mostra basilar e de extrema importância. A filiação teórica da autora é a mesma que tencionamos perspectivar, representantes da filosofia francesa contemporânea herdeiros do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Assim, diante de um impasse semelhante sobre aprendizagem, a discursividade instaurada pela filosofia francesa contemporânea inspirou Kastrup (1999), principalmente a partir de Deleuze e Bergson, a repensar o que é aprender, fugindo do campo da psicologia.

Assim, para Kastrup é construir um mundo para si, ao mesmo tempo em que se constrói, em um processo de articulação de multiplicidades que denominou de aprendizagem inventiva. Nesta concepção de aprendizagem, a relação estabelecida pelos termos é o foco da análise, em oposição às classificações estruturadas de assujeitamento individual (KASTRUP, 2001).

Na concepção psicológica hegemônica e mesmo no senso comum, quando falamos de aprendizagem, imediatamente remetemos a um sujeito aprendente. Não à toa, as criações teóricas acerca da aprendizagem apresentadas pela psicologia do desenvolvimento se ancoram na visão representacional do conhecimento, estabelecem guias teóricos e métodos de ensino que buscam melhor adequar o sujeito ao mundo – um sujeito que compreende um mundo que é o mesmo para todos, regulado por leis universais, científicas. A aprendizagem tradicional é, portanto, um processo de moralização que fere uma ética dos devires (KASTRUP, 1999).

Para nos contrapor a tal visão, acreditamos que existem infinitas formas de se conceber a aprendizagem, afinal o campo da aprendizagem é território de disputa. Aprender é sempre uma transformação na subjetividade; um movimento constante em relação estreita com a potência dos encontros; estar sensível aos signos, mas como tal acontecimento está no campo das multiplicidades, pensar (e não reconhecer) é sempre uma violência; aprende-se junto com alguém e não a partir de alguém, o que nos leva a advogar o direito a invenção de problemas, não se limitando ao ato cognitivo.

CONSIDERAÇÕES

Na ânsia de lutar contra os efeitos deletérios das organizações sociais modernas, inúmeras teorizações tradicionais, críticas e mesmo as pós-críticas vêm batendo muito forte nas concepções educacionais clássicas.

A questão do sujeito aprendente racional, ou seja, a presença de uma filosofia da consciência ainda é, ao nosso ver, fundante de todo pensamento educacional, seja no campo acadêmico, no chão das escolas com a pedagogia, os demais componentes curriculares e a Educação Física.



Ensinar-aprender, controle-reconhecimento, são bastante visíveis em Gallahue (2005), Le Boulche (1983) ou Go Tani (1988). Nossa proposta é demonstrar que a partir de Deleuze, Bérgeon, Scherer e Kastrup, é possível repensar o que é aprender. Deixaríamos de pensar a aprendizagem como uma conexão do sujeito a uma realidade representada, única e concreta. Ao contrário, a aprendizagem se tornaria um pensamento singular sobre um dado problema, algo contextual, inventivo e singular.

A partir das pistas acima, é possível criarmos alguns princípios que balizam uma pedagogia que objetiva a criação, ao invés de se limitar a reconhecimento: ensinar é estar sensível ao devir; ensinar é modular o controle; ensinar é articular macro e micro política; ensinar é experimentar encontros; ensinar é avaliar constantemente o processo.

INVENTIVE LEARNING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The work in question presents inventive learning as a possibility in School Physical Education. Thus, we wave to a notion of learning as creation of thought in the face of singular problems.

KEYWORDS: *School Physical Education; Inventive Learning; Philosophy of Difference.*

APRENDIZAJE INVENTIVO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

El trabajo en cuestión presenta el aprendizaje inventivo como una posibilidad en la Educación Física Escolar. A partir de los escritos de Deleuze, Gallo y Scherer, acentuamos para una noción de aprendizaje como creación del pensamiento ante problemas singulares.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física Escolar; Aprendizaje Inventivo; Filosofía de la Diferencia.*

REFERÊNCIAS

- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3ª edição. São Paulo: Phorte, 2005.
- GALLO, S. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papyrus, 1999.
- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.6, n.1, p.17-27, jan/jun 2001.
- LE BOULCHE, J. *A Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Escala, 2008
- NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. *Pedagogia e governamentalidade – ou Da modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- TANI, G. et. al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU/USP, 1988.
- SCHÉRER, R. Aprender com Deleuze. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005.

